Dia 3 — São Malaquias, Bispo e Confessor

Martirológio Romano

O glorioso trânsito de São Quarto, discípulo dos Apóstolos. (Poucas notícias restaram deste Santo, pois se ignora se padeceu martírio, como alguns supõem, e o lugar onde acabou seus dias. O apóstolo São Paulo, em sua epístola aos romanos, cap. XVI, diz estas palavras: «Saúda-vos... Quarto, irmão.»)

Os santos mártires Germano, Teófilo, Cesário e Vital, em Cesareia da Capadócia; os quais, na perseguição de Décio, padeceram valorosamente o martírio.

Os inumeráveis santos mártires, em Saragoça, na Espanha, que com admirável constância deram a vida por Jesus Cristo no tempo de Daciano, presidente da Espanha. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Os santos mártires Valente, presbítero, e Hilário, diácono, em Viterbo; os quais, na perseguição de Maximiano, foram precipitados no Tibre com uma grande pedra atada ao pescoço; mas, tendo-os tirado milagrosamente um Anjo, foram depois degolados, recebendo a coroa do martírio.

Santa Winefrida, virgem e mártir, na Inglaterra. (Seus pais eram da primeira nobreza do país e mais distinguidos ainda por sua piedade. Dirigiu sua educação um santo presbítero e monge chamado Beuno, que se diz ter sido seu tio materno, o qual lhe ensinou a vida de perfeição que ela começou consagrando a Deus sua virgindade e tomando depois o véu de religiosa. Viveu primeiro num pequeno mosteiro que seu pai havia mandado edificar em Holywell, ou Poço Santo, e depois se transladou ao de Gwytherin, do qual foi em seguida abadessa. Caradoc ou Cradoc, filho de Alano, príncipe daquele país, concebeu por ela uma paixão tão brutal que, não podendo satisfazê-la, perseguiu-a um dia enfurecido e cortou-lhe a cabeça, quando ela ia fugindo dele para tomar asilo na igreja de Holywell, sendo assim Winefrida mártir de sua pureza e virgindade. Alguns escritores acrescentam que a Caradoc o engoliu a terra no sítio mesmo em que caiu a cabeça da Santa, no qual nasceu imediatamente uma fonte, que é o admirável poço que agora se vê ali, com os seixos ou pedras que no fundo se descobrem pintados de veios vermelhos, e certos musgos ou ervas dentro da água que despedem um odor fragrante; e que esta santa Mártir foi restituída à vida pelas orações de São Beuno, levando sempre depois o sinal de seu martírio num círculo encarnado que lhe ficou ao redor do pescoço. Butler.)

São Malaquias, bispo de Connor, na Hibérnia, no mosteiro de Claraval, o qual floresceu em muitas virtudes; escreveu sua vida São Bernardo, abade. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Huberto, bispo de Tongres, no mesmo dia.

São Domno, bispo e confessor, em Viena. (O autor da vida deste Santo diz que sobressaiu principalmente nele a humildade, o amor aos pobres e seu zelo em redimir cativos. Parece que morreu pelos anos de 327.)

São Firmino, bispo de Meaux, ídem.

Santo Ermengol ou Ermengaudo, bispo, em Urgel, na Espanha. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Santa Sílvia, mãe de São Gregório, papa, em Roma. (Nasceu em Messina, na Sicília, da nobilíssima família Otávia. Foi modelo de virgens, de esposas e de mães; e Deus lhe concedeu a ventura de dar à Igreja o grande papa São Gregório, o qual confessa ter mamado, com o leite de sua boa mãe, os mais raros exemplos de santidade. Viveu alguns anos em Roma, junto à igreja de São Sabas, com pobreza e abstinência, dedicada inteiramente às práticas da caridade e aos fervores da oração. Certo dia apareceu um Anjo a São Gregório e lhe falou de sua mãe, dando-lhe o título de bem-aventurada. Morreu em Roma no ano de 602.)

Os Inumeráveis Mártires de Saragoça

Enobrecida a cidade de Saragoça com todos os timbres que podia ter no civil, como cidade que soubera atrair as atenções do maior dos imperadores, quis a divina Providência que tivesse outros timbres de superior classe, concedendo a seus cidadãos tanta graça que não tivessem dificuldade em verter seu sangue por Jesus Cristo. A mesma Rainha dos Anjos que, segundo o lecionário antiquíssimo daquela catedral, se dignou escolhê-la para seu domicílio quando ainda vivia neste mundo, parece que alcançou de seu Filho que naquela cidade predileta lhe competisse particularmente o glorioso título de Rainha dos Mártires. A estes pensamentos dá lugar o número prodigioso de cristãos que tiveram valor para sustentar as verdades do Evangelho na presença dos tiranos, e principalmente os Mártires chamados Inumeráveis, que celebramos neste dia, e cujo martírio, segundo consta de umas atas do século VII, é na forma seguinte:

Dominavam no império romano Diocleciano e Maximiano, tão unidos na crueldade de suas leis e na impiedade de seus editos como na dominação do império. Persuadidos de que a religião cristã, que ia fazendo rápidos progressos, poderia prejudicar seus interesses e derrubá-los do trono, determinaram desfazer-se de uma vez de semelhantes receios, dando um golpe que acabasse inteiramente com os Cristãos e produzisse em seu peito a tranquilidade. Expediram, pois, um decreto pelo qual aboliam todas as suas igrejas, proibiam-lhes as juntas privadas em qualquer

povo sujeito ao império, impondo pena de desterro aos contraventores e levando sua crueldade ímpia até o extremo de que qualquer pudesse ser demandante contra um cristão e tirar-lhe a vida por si mesmo se persistisse em sua religião. Para este efeito expediram ministros por todas as regiões e províncias, dando-lhes a instrução de que primeiramente chamassem os Cristãos a seu tribunal e provassem com brandura, afagos e promessas atraí-los a dar incenso aos deuses, dando-lhes a conhecer que nisto obedeceriam aos Imperadores e se fariam merecedores de suas beneficências; mas, se pelo contrário eram pertinazes em permanecer em sua Religião, contrariando os decretos dos Imperadores, experimentariam o último suplício por meio dos mais requintados tormentos. Saíram por todas as partes os cruéis ministros, acompanhados de uma turba de satélites conformes em tudo a suas intenções e os mais oportunos para a execução dos iníquos decretos. Assinalou-se entre todos Daciano, homem perverso, de entranhas duras e de costumes corrompidos, o qual, tendo conseguido dos Imperadores que o destinassem com esta comissão à Espanha, entrou nela como poderia um sangrento lobo entrar num rebanho de inocentes cordeiros. Em quantas cidades esteve, em todas deixou autênticos sinais de sua ferocidade sacrílega, deixando banhadas em sangue de cristãos as ruas e as praças; mas ao mesmo tempo via, com confusão sua, que se arraigava mais e mais o nome de Jesus Cristo e se multiplicavam seus adoradores.

Chegou finalmente a Saragoça, com o mesmo espírito diabólico que até ali o havia agitado e com a esperança de que, exterminados os Cristãos daquela cidade, que era vista por todas as suas circunstâncias como o centro do cristianismo, lhe seria fácil conseguir outro tanto em toda a Península. Com esta persuasão derramou o sangue de São Vicente, que não somente ilustrou aquela cidade com seu martírio (veja-se sua história entre as do dia 22 de janeiro), em que se competiram a astúcia e a barbaridade de Daciano em inventar tormentos e a fortaleza de Vicente em superá-los, mas também a cidade de Valência, que foi glorioso teatro de seu triunfo. A este martírio acrescentou o de dezoito ilustres varões, chamados Quintiliano, Matutino, Urbano, Fausto, Félix, Primitivo, Ceciliano, Frontão, Apodêmio, Casiano, Públio, Marcial, Sucesso, Januário ou Genaro, Evêncio ou Êuhoto, Optato, Lupércio ou Luperco e Júlio ou Júlia. (Veja-se a notícia de seu martírio entre as do dia 16 de abril.) Parecendo-lhe pouco ter ensanguentado as mãos nos robustos varões, estendeu sua crueldade às delicadas donzelas, martirizando a sagrada virgem Engrácia (veja-se sua história entre as do mesmo dia 16 de abril), a qual, com um valor superior a seu sexo, sofreu que lhe rompessem todo o corpo com tal desumanidade que lhe cortaram inteiramente um peito, e nos ganchos de ferro saiu uma parte do fígado, a qual guardaram os Cristãos por muito tempo, e Prudêncio assegura tê-la visto ele mesmo.

Todas estas vitórias que conseguiam os Cristãos do iníquo juiz consternavam-no e quase o reduziam ao desespero, vendo frustradas suas esperanças. Por uma parte via que os Imperadores não poderiam ficar servidos, segundo o magnífico de suas promessas; e por outra advertia nos Cristãos tal firmeza em sua religião, tão fundada solidez em seus princípios e constância tão invicta para sofrer os mais horrorosos tormentos, que por todas as partes lhe parecia impossível sair com lucimento em sua bárbara comissão. Portanto, vendo que os meios comuns e usados produziam débeis efeitos, apelou para a astúcia e o artifício; e à muita que tinha Daciano juntou toda a sua o espírito infernal que o animava. Resolvido a pôr por obra um diabólico projeto que havia meditado e em que estribava o último recurso de sua ferocidade, chamou todos os seus soldados e ministros e, quando os teve presentes, falou-lhes desta maneira: «Por mais que temos feito, ó valorosos

soldados de nossos invictos Imperadores, para vencer, destruir e arrancar a superstição dos Cristãos e apagar, se fosse possível, de todo o nosso império tão infame nome, vemos com dor que nossas diligências, nossos tormentos e até a mesma morte, longe de intimidá-los e fazê-los mudar de parecer, não servem de outra coisa que de confirmá-los em sua superstição e de tornar mais visíveis nossa debilidade e sua fortaleza. O sangue que derramam parece que tem feitiços para multiplicar o número de Cristãos e aumentar sua constância. Não somente os varões robustos, mas as ternas e delicadas donzelas olham com olhos serenos dilacerar suas carnes e cortar seus pescoços com a espada. Devemos já estar persuadidos de que são débeis com esta casta de gentes todos os esforços ordinários. Eu pensei um meio pelo qual poderemos conseguir o universal extermínio destes inimigos de nossos deuses e o completo serviço de nossos Príncipes; mas neste negócio, como em todos os de grande importância, é o agente principal o segredo, que confio guardareis como devotos dos deuses e como romanos. Vós mesmos conheceis que nesta cidade se contém uma multidão inumerável de Cristãos, à qual seria impossível vencer acometendo-os um a um, porque, fortalecida sua alma com não sei que lisonjeiras ideias de outra vida, desprezam os tormentos e a nós nos desprezam. A honra de nossos deuses, o sagrado de seus templos e o religioso de suas cerimônias é para eles burla e escárnio, e não podemos negar que o vê-los perder a vida com tanta serenidade e alegria nos estremece a nós mesmos e nos faz conceber uma força superior em suas opiniões. Portanto, pensei que todos morram de uma vez, e para que nenhum fique oculto, sairão pregoeiros pela cidade publicando uma sentença capciosa que, tendo parte de castigo e parte de condescendência, chegue finalmente a ser acreditada. Publicar-se-á, pois, que a todos os Cristãos, livres ou escravos, de qualquer condição, sexo ou idade que sejam, se concede ampla licença para que saiam desta cidade e restabeleçam seu domicílio onde for sua vontade; com a condição de que neste recinto não haja de ficar nenhum que adore a Jesus Cristo. Este decreto será recebido por eles com os braços abertos; obrigar-se-lhes-á a sair por determinadas portas e a determinada hora. Então vós, ó soldados, estareis bem providos de armas em lugares ocultos e, quando tiverdes a vossa discrição aquela multidão inerme, saireis da emboscada e os acometereis com denodo, matando indistintamente, de maneira que não fique um vivo. Para lograr melhor este fim, logo que se tenha verificado a saída de todos, mandarei fechar as portas da cidade, e deste modo aqueles miseráveis que fugirem de vossos aços não encontrarão nela asilo, mas serão precisamente vítimas de vossas espadas. Desta maneira ficarão exterminados os Cristãos, vingados nossos deuses e nossos Imperadores servidos.»

Um discurso semelhante não podia deixar de ser recebido com aplauso por uma gente criminosa e bárbara. Todos lisonjearam Daciano com a oportunidade e grandeza do projeto, e todos se ofereceram a ser seus fiéis executores. Repartiram-se imediatamente pela cidade pregoeiros que publicassem o decreto, o qual foi ouvido por todos os Cristãos com suma complacência, pensando que cessava em parte a perseguição e que em qualquer outro povo lhes seria permitido o livre exercício de sua religião sacrossanta. Mais cuidadosos disto que de recolher os bens terrenos que possuíam, abandonaram suas casas imediatamente e saíram da cidade pelas portas ocidentais, que eram as únicas que estavam abertas. Causava lástima ver uma tropa inumerável de homens e mulheres de todas as idades que, cheios de alegria, caminhavam a seu parecer a um desterro, sendo certo que tinham a morte tão próxima. Os anciãos apressavam-se a andar, sustentando os trêmulos membros em robustos bordões, temerosos de que pudessem fazer falta aos Cristãos sua madureza e seus conselhos. Os jovens, regozijados, abandonavam suas casas, tendo em mais preço conservar a fé que haviam recebido de seus maiores que todos os tesouros do mundo. As

débeis mulheres, fortalecidas por uma virtude superior a seu sexo, iam com gosto, sem que os lamentos dos ternos infantes que pendiam de seus peitos fossem parte para quebrantar sua inteireza. De todos eles se formava uma multidão tão inumerável que não parecia senão que havia saído toda a cidade de Saragoça. Mas o mais admirável é que aquela santa multidão abandonasse suas casas e seus haveres com tanto regozijo e alegria que entre todos eles não se ouvia outra coisa que aquele cântico dos Anjos: *Gloria in excelsis Deo, et in terra pax hominibus bonæ voluntatis.* Ao tempo que iam cantando este dulcíssimo hino, inundados todos num gozo celestial, viram os gentios que haviam saído todos os Cristãos e, cumprindo a disposição de Daciano, fecharam as portas para que não pudesse refugiar-se nela nenhum fugitivo.

Esta era a hora dos perversos e a potestade das trevas; e assim mesmo o momento que Deus havia destinado para completar a maior vitória que viram jamais os séculos. Iam os Cristãos todos juntos, comprazendo-se mutuamente uns com os outros e dando-se mil parabéns porque tinham a ventura de padecer aquele desterro por Jesus Cristo. Os ares ressoavam com hinos dulcíssimos de alegria, em que davam a Deus graças pela liberdade que eles imaginavam de poder livremente empregar-se no exercício de sua sacrossanta Religião. Espreitavam entretanto desde seus esconderijos os sacrílegos ministros de Satanás e, quando lhes pareceu oportuno, saíram de suas emboscadas como se fossem sangrentos leões a fartar-se no sangue de tanto cordeiro inocente. Correm aqui e ali os desapiedados ministros imperiais esgrimindo as espadas e banhando-se com o sangue das sagradas vítimas. A uns cortam a cabeça, a outros traspassam o coração, e a outros truncam e despedaçam de mil diferentes modos. O ancião venerável exala seu débil alento fortalecendo os demais e exortando-os a morrer como verdadeiros Cristãos. O esposo morre nos braços da esposa, traspassando-lhes uma mesma espada os dois corações a um tempo. O menino morre nos mesmos braços de sua mãe e apenas mamou o leite de seus peitos, quando já o está vertendo feito sangue por Jesus Cristo. Jamais se idealizou projeto que lograsse seu efeito mais completamente nem que fosse posto por obra com maior prontidão e perfeição. Em pouco tempo viu-se todo o campo coberto de cadáveres e andar vagando os iníquos ministros com as espadas desnudas, sem ter já objeto algum em que empregá-las. Ficou o iníquo Juiz sumamente ufano, pensando que havia conseguido uma grande vitória e que daquele modo havia exterminado de Saragoça os Cristãos. Mas sua mesma consciência atraiçoava seus desejos e lhe fazia ver, com uma experiência continuada, que era mais fácil que se acabasse à gentilidade a tirania para perseguir os Cristãos que a estes constância e valor para sofrer suas perseguições. Assim mesmo havia visto por repetidas experiências que os Cristãos mortos daquela maneira eram como uma semente fecunda que produzia cento por um e que seria muito possível que, quando ele se imaginava ter arrancado de Saragoça as últimas raízes do Evangelho, estas se tivessem ficado mais profundamente agarradas nos peitos de alguns Cristãos ocultos. Temeu, pois, que não faltariam alguns que recolhessem aqueles sagrados cadáveres e, depositando-os em lugares muito honrados e ocultos, lhes dessem um culto e veneração que negavam a seus deuses.

Por esta causa inventou outro ardil não menos cruel e ímpio que o primeiro. Mandou que se juntassem num montão os inumeráveis cadáveres dos esforçados soldados que haviam dado sua vida por Jesus Cristo e, pondo ao redor deles a lenha e combustíveis necessários, se fizesse uma grande fogueira, de maneira que ficassem todos reduzidos a cinzas. Mas nem ainda com isto descansavam os receios de seu coração maligno. Havia usado de todos os ardis que lhe havia sugerido sua diabólica astúcia para que não ficasse cristão com vida; tinha mandado que os

cadáveres dos Mártires se reduzissem a pó para impedir que pudessem ser venerados; e, não contente com isto, mal seguro todavia, manda que tirem dos cárceres os réus mais facínoras e que, matando-os, misturem seus corpos com os dos Cristãos, e assim confundidos sejam todos convertidos em cinzas. Lisonjeava-se sua infernal astúcia de que, sendo impossível a separação das cinzas dos Cristãos e dos malfeitores, os Mártires ficariam sem culto, por não se exporem ao perigo de dar a mesma veneração às relíquias dos facínoras. Executou-se este decreto ímpio; mas Deus, contra cujo poder e sabedoria não há conselho que prevaleça, assegurou para sempre a honra dos que lhe haviam sacrificado sua vida com um prodígio que tem sido a admiração de seu século e dos que lhe têm sucedido. As cinzas correspondentes às relíquias dos santos Mártires separaram-se das daqueles facínoras que haviam morrido por seus delitos, e delas se formaram umas massas de uma brancura tão extraordinária que davam a entender muito bem a pureza das almas que as haviam habitado e a imarcescível de que já estavam gozando em prêmio de seu triunfo. O medo com que então viviam os Cristãos não lhes permitiu outra coisa que tomar com veneração aquelas massas sagradas e colocá-las num lugar subterrâneo no campo, onde estiveram privadas do culto público todo o tempo que durou a borrasca das perseguições. Restituída a paz da Igreja no tempo de Constantino, pelos anos do Senhor de 312, os cristãos de Saragoça fabricaram uma capela subterrânea e nela as colocaram juntamente com os dezoito santos Mártires de quem falamos no dia 16 de abril. Hoje em dia se conserva esta capela debaixo da igreja de Santa Engrácia, como ali mesmo na história desta Santa se disse. Muito de antigo se chamou esta capela a igreja subterrânea das Santas Massas, à qual foram muito afeiçoados e devotos muitos santos bispos da Espanha, entre eles Santo Eugênio e São Braulio.

As Atas atribuídas a São Braulio e diferentes Martirológios, juntamente com o Romano, celebram estes santos Mártires com o título de Inumeráveis, tomando esta palavra em sua própria e rigorosa significação, enquanto denota uma grande multidão que não pode reduzir-se a número fixo.

Na devastação da Espanha pelos mouros quis a divina Providência que, entre as igrejas que estes concederam aos Cristãos para o livre exercício de sua religião, fosse uma a das Santas Massas. Desta maneira os Inumeráveis Mártires de Saragoça têm recebido sempre o culto devido, e Deus tem manifestado por sua intercessão a seus concidadãos quão gratas lhe são suas orações quando lhe são apresentadas por servos tão amados.

São Malaquias, Bispo e Confessor

São Malaquias, cuja vida escreveu São Bernardo, foi irlandês de origem, e seus pais muito distinguidos pela nobreza de seu sangue, ainda que a mãe o era mais pelo resplendor de sua virtude. Sabendo muito bem a religiosíssima senhora quanto prendem na alma as primeiras impressões, aplicou o maior cuidado a inspirar na de seu filho as de uma sólida piedade desde o mesmo berço; e, deixando a cargo dos mestres o cultivar-lhe o entendimento com as letras humanas, ela tomou a seu cargo o amoldar-lhe o coração aos princípios da Religião, logrando o consolo de que, dócil o terno menino a um e outro cultivo, correspondessem seus progressos na virtude e nas letras aos desvelos de seus mestres e à vigilância de sua mãe. Fê-lo dono dos corações de todos a suavidade de seu gênio e, sem deixar de ser menino, notava-se nele a

prudência e o juízo de um ancião, a pureza de um Anjo e a humildade dos Santos; de maneira que naquela terna idade amava a oração, tomava gosto ao silêncio e o recolhimento era todo o seu atrativo. Meditava com gosto na Lei santa do Senhor, comia pouco, mortificava-se muito, ocupava-o inteiramente a presença de Deus e, concorrendo algumas vezes com seu mestre a uma casa de campo, a vista da natureza elevava-o até pôr os olhos da alma em seu soberano Autor. Levantava suas puras mãos ao céu para que subisse até ele o holocausto de seu puríssimo amor, e o céu recebia com gosto um sacrifício tão puro. Aqueles grandes princípios prometiam grandes fins, e os fins corresponderam àqueles grandes princípios. Ao passo que ia crescendo em idade, ia também recebendo de Deus luzes mais vivas, as quais fizeram tanta impressão em seu coração que por fim se resolveu a deixar o mundo.

Havia na cidade de Armagh um homem cuja penitente vida se fazia admirar de quantos tinham notícia de sua austeridade e de sua virtude. Buscou-o Malaquias com o fim de que lhe ensinasse alguma regra para sua direção e governo pessoal. Assombrou a todos a resolução do generoso mancebo. Sentado humildemente aos pés de Imar (assim se chamava seu mestre), ensinava-lhe a obedecer, e obedecia. Sua obediência fez conquistas: contentavam-se antes todos com admirar a penitente vida de Imar; mas, quando viram que o terno Malaquias professava também a mesma, esforçaram-se outros a imitá-lo; e ele, que até então era o único filho de seu pai espiritual, em breve passou a ser o primogênito de muitos irmãos; mas sustentando sempre a honra e o caráter da primazia, menos por anterioridade na disciplina que por superioridade nas virtudes. Movido disto o bispo, ordenou-o de diácono, apesar de sua modéstia, que o obrigava a reputar-se muito indigno do sagrado ministério. Entrou nele pela vocação de Deus e o desempenhou com sua graça. Propôs-se por modelo a Santo Estêvão para as funções do mesmo ministério e copiou perfeitamente sua inocência, seu zelo e sua caridade. Tendo a seu cargo o cuidado das viúvas e dos órfãos, velava na conservação de sua vida; fez-se agente dos pobres abandonados e com suas próprias mãos enterrava os mortos. Nem ao novo Tobias faltou matéria em que exercitar a paciência. Tinha Malaquias uma irmã que, não conhecendo o valor de uma obra de misericórdia tão heroica, consolo dos homens e admiração dos Anjos, lhe pareceu que com ela afrontava sua família; e um dia o tratou de simples, dizendo-lhe colérica que devia deixar os mortos enterrar os mortos, abusando das palavras do Evangelho para fomentar sua vaidade; mas o servo de Deus não fez caso dela: deixou-a falar e prosseguiu em suas boas obras. A dignidade com que Malaquias desempenhava as obrigações do diaconato era o maior panegírico de seu mérito e como uma voz que estava pedindo a gritos o sacerdócio. Todos achavam nele aquela eminente virtude e aqueles grandes talentos que devem caracterizar os sagrados ministros do altar; só Malaquias se considerava indigno do sagrado ministério, e foi mister toda a autoridade de seu bispo e toda a veneração que professava aos ditames de seu diretor, o bem-aventurado Imar, para render-se a receber a ordem sacerdotal. Foi presbítero aos vinte e cinco anos de sua idade, dispensando-se com ele, em atenção ao conceito de sua eminente virtude e extraordinários talentos, o costume daquele tempo de não conferir o sacerdócio até ter entrado nos trinta.

Logo que Malaquias recebeu a imposição das mãos, o bispo encarregou-lhe o cuidado de repartir ao povo a palavra de Deus; e o novo pregador, poderoso em obras e em palavras, fez em pouco tempo tanto fruto que mudou de semblante toda a diocese. Desarraigou do povo muitos vícios que pareciam aspirar à prescrição; corrigiu inumeráveis abusos que presumiam já de legítimo costume; restituiu a disciplina a seu antigo vigor e com a pureza de costumes restaurou a fé em todo o

bispado. Era eloquente e pregava com zelo e com visível moção; mas o que mais contribuía para as conversões eram seus exemplos. Viam todos no altar um Serafim, na conversação um Santo e no púlpito um Apóstolo. Só por motivo de caridade se deixava ver em público; de resto, toda a sua ocupação particular era o estudo na ciência dos Santos. Acompanhavam todas as suas ações e palavras a doçura, a mansidão, a mortificação e a humildade; e cediam todos os estorvos à opinião de sua virtude. Conseguiu que em todas as igrejas da cidade e do bispado se cantasse o ofício divino nas horas canônicas assinaladas para isso, exemplo que imitaram logo todas as cidades da Irlanda. Não somente restituiu nela o canto do coro, mas também o uso dos Sacramentos, com outras devoções muito conformes ao espírito da Religião; porque todas estas coisas (diz São Bernardo) estavam lastimosa e extraordinariamente esquecidas naqueles povos.

Vendo Malaquias as bênçãos que derramava Deus sobre seus apostólicos trabalhos, mas desconfiando sempre de suas próprias luzes nas saudáveis regras que havia disposto para a reforma dos costumes e para a restauração da disciplina eclesiástica, determinou fazer uma viagem a Lismore, para viver algum tempo à vista de Malchus, bispo da mesma cidade, reputado por um dos mais sábios, mais prudentes e mais virtuosos prelados de seu século. Por ocasião de sua estada em Lismore conheceu Cormac, rei de Munster, o qual, tendo sido despojado da coroa por uma tropa de sediciosos, só pensava em passar o resto de sua vida no retiro de uma solidão, se não se tivesse visto obrigado a voltar a ocupar o trono muito contra sua inclinação. Formou desde então o piedoso Monarca tão elevado conceito da eminente virtude de nosso Santo que não só o olhou toda a vida com particular veneração, mas lhe professou terna e estreita amizade.

Estando em Lismore teve notícia da morte de sua irmã, aquela que tanto havia censurado sua devoção e seu retiro; mas soube também que a morte não se havia antecipado à sua conversão. Mostrou-lhe Deus em sonhos sua irmã, que pouco a pouco e como por graus ia saindo das penas do purgatório e avançando para o eterno descanso na proporção das orações e sufrágios que o santo irmão oferecia por ela. Mas o que mais o encheu de gozo foi a conversão de seu tio materno, abade comendatário de Bangor, em cujo mosteiro não haviam ficado outros sinais de seu antigo esplendor que a multidão de suas ricas possessões. Movido o tio pela santidade do sobrinho, renunciou nele a abadia, desamparada totalmente de monges muito antes deste tempo, mas dotada de pingues rendas que havia empregado muito mal. Aceitou o Santo a abadia por conselho de seu diretor, o beato Imar; pôs nela monges, cujo governo tomou a seu cuidado, e aquele antigo mosteiro, que de tempo imemorial havia decaído de seu primitivo lustre, recobrou-o sob a direção de nosso Santo, voltando a ser o mosteiro mais exemplar e mais florescente de toda a Irlanda.

O exemplo do superior era como a alma daquela fervorosa comunidade. Em todos os exercícios da vida monástica via-se primeiro o abade. Não era mister mais que vê-lo para aprender: suas obras eram a regra viva; sem mais que ver os monges o Santo, faziam-se santos. Nunca se dispensou no menor dos exercícios: a única singularidade que se lhe notou foi que era muito mais austero consigo mesmo do que prescrevia o Instituto. Mas o que dava maior eficácia a suas palavras e a seus exemplos foi o dom de milagres com que Deus o favoreceu. Um pedreiro dos que trabalhavam na igreja nova do mosteiro recebeu inocentemente um golpe de machado no espinhaço, a cuja violência naturalmente havia de expirar; acudiu o Santo a socorrê-lo, abraçou-o, e no mesmo ponto ficou sem lesão alguma; mas todo o vestido até a carne ficou cortado para testemunho do milagre. Apoderou-se de um monge um frenesi tão violento que o fazia prorromper

nos excessos mais furiosos: fez o Santo sobre ele o sinal da cruz, e no mesmo instante ficou inteiramente são. Tendo morrido por este tempo o bispo de Connor, uniram-se todos os votos do povo e do clero para colocar em seu lugar São Malaquias. Sua resistência só serviu para acender-lhes mais os desejos. Recorreu-se à autoridade do beato Imar, seu perpétuo diretor, e à de seu metropolita, o arcebispo de Armagh, para vencer sua repugnância e sua humildade. Não lhe fizeram força as razões, e foi mister lançar mão do preceito. Mandou-se-lhe obedecer, e o Santo, que era humilde porque era Santo, obedeceu. Foi consagrado aos trinta anos de sua idade e, ainda que sentiu todo o peso da carga episcopal, cujas obrigações conhecia, não se desalentou; antes se esforçou a desempenhar dignamente todas as funções de tão tremendo ministério.

Logo que tomou posse de sua sé, reconheceu em suas ovelhas mais sinais de gentios que de Cristãos, advertindo, como diz São Bernardo, que mais vinha a ser pastor de feras que de homens. Com efeito, os moradores de Connor e de todo o bispado eram uma gente feroz que de tempo imemorial vivia quase sem religião. Sua indocilidade, somada a uma brutalidade genial, havia desterrado do país todo socorro e assistência espiritual. O bispo não o era mais que de nome: nem as ovelhas conheciam o pastor, nem o pastor as ovelhas, e, vendo o pastor que não faziam caso dele, vivia sempre distante do rebanho. A maior parte das igrejas, ou demolidas ou profanadas; os Sacramentos como abolidos pelo desuso; de confessores e de penitências não havia que falar; se se achavam alguns sacerdotes, estavam tão confundidos com os leigos pelos costumes e pelo traje que se podia conceber como desterrado o sacerdócio. Reinavam em todas as partes as superstições e, ao lado delas, todos os vícios. Era universal a ignorância, podendo dizer-se que em Connor só havia ficado uma sombra do cristianismo, ou como que um esqueleto de religião. Este foi o campo que teve que desmontar o novo Bispo. Animado de um zelo verdadeiramente apostólico, não o acovardou o trabalho, ainda que se lhe representou tão pesado, tão duro e tão ingrato. Fizeram quanto puderam para intimidar, para desgostar e até para cansar seu zelo; mas tudo inutilmente. O primeiro cuidado do santo Pastor foi ganhar o rebanho, ou ao menos domesticá-lo com sua mansidão e com sua paciência. Muitas vezes foi desprezado, maltratado e até correu risco sua vida; mas nada entibiava sua ardente caridade. Mantinha-se intrépido no meio dos lobos, trabalhando quanto podia por convertê-los em ovelhas. Sem lhe dar nada de sua fereza nem de sua rusticidade, ensinava-os em público e corrigia-os em secreto. Quando via frustradas todas as suas indústrias e trabalhos, recorria às lágrimas que derramava por eles na presença de Deus, passando muitas noites inteiras em oração para abrandar sua piedade em favor de seu povo. Ia pelas ruas e pelas praças públicas em busca dos que fugiam de ouvir sua voz na igreja, exposto à gritaria e aos escárnios de um povo brutal. Andava de aldeia em aldeia e de choça em choça com intoleráveis trabalhos para distribuir a ingratos, e não poucas vezes a surdos, o pão da divina palavra, e fazia todas estas viagens a pé, à imitação dos antigos Apóstolos. Saíram, enfim, vitoriosas, apesar de todo o inferno, sua paciência e sua constância. Domesticou-se a ferocidade daqueles povos; abrandou-se a dureza daqueles insensíveis corações; moveram-se à vista da perseverança de seu zelo no meio de tantos trabalhos; admiraram aquela invariável mansidão entre os mais enfadonhos contratempos e sua cristã paciência entre as injúrias mais amargas. Foram pouco a pouco acostumando-se a ouvir a voz de seu Pastor; amaram-no, seguiram-no, e aquele povo, até então intratável, fez-se capaz de instrução e de disciplina. Restabeleceu a ordem em todas as coisas: edificaram-se igrejas, celebrou-se nelas o divino sacrifício, cantaram-se regularmente as horas canônicas, frequentaram-se os Sacramentos, voltou a Religião a seu primeiro esplendor, e ocuparam os exercícios devotos o lugar que ocupavam até então as ímpias e

gentílicas superstições. O concubinato cedeu à santidade do matrimônio, recobraram seu primeiro vigor as sagradas leis e de todas as partes se desterraram os abusos. Restituído o clero secular e regular a seu primitivo esplendor, reviveu a piedade, e em menos de dois anos mudou de semblante todo o país; de maneira, acrescenta São Bernardo, que se podia dizer daquele povo o que disse Deus pelo profeta Oseias: *O que antes não me conhecia, fez-se já povo meu.*

Tardou pouco o Senhor em acrisolar aquela nova igreja com uma dura prova, querendo que purgasse ao mesmo tempo as desordens passadas. A Irlanda, à sazão, obedecia a quatro ou cinco reis. O que reinava na parte setentrional da ilha entrou no bispado de São Malaquias, apoderou-se da cidade episcopal, arruinou e assolou toda a campina. Viu-se obrigado nosso Santo a refugiar-se com cento e vinte de seus monges nos Estados de Cormac, rei de Munster, a quem havia tratado em Lismore. Conservava-lhe o piedoso Monarca uma particular estima, com uma terna amizade; e, recebendo-o debaixo de sua proteção com o maior gozo, consignou-lhe certa possessão, com uma considerável soma de dinheiro, para que fundasse o mosteiro que se chamou de Ibrach, recolhendo nele todos os seus monges; e o mesmo Rei se retirava a ele de quando em quando por muitos dias para vagar unicamente ao negócio de sua salvação, sob a direção de nosso Santo, prezando-se de ser discípulo seu.

Enfermou gravemente por este tempo Celso, arcebispo de Armagh e primaz da Irlanda, e, achando-se próximo à morte, declarou ao povo e ao clero que não conhecia outro sujeito mais digno de sucedê-lo que o bispo Malaquias. Clérigos e seculares, grandes e plebeus, todos a uma voz aplaudiram os desejos do Primaz e, apesar da resistência do Santo, foi colocado à frente de todo o clero da Irlanda. Por certa espécie de abuso e de relaxamento inaudito achava-se invadida a sé primacial por alguns intrusos que não eram sequer sacerdotes; e certa família das primeiras da ilha havia feito como hereditária em sua casa aquela dignidade, tanto que sucessivamente a haviam ocupado catorze ou quinze gerações da mesma casa: desordem que por espaço quase de dois séculos havia causado a ruína da disciplina eclesiástica e pouco menos que o extermínio da Religião em toda a Irlanda. Conheceu-o assim o arcebispo Celso e por isso, como homem bom e timorato, pôs os olhos em São Malaquias, parecendo-lhe que só ele era capaz de ressuscitar a piedade que São Patrício, apóstolo de toda a ilha, havia introduzido nela.

Ainda que era tão trabalhosa aquela primeira dignidade, o nome só de primaz sobressaltou a profunda humildade de Malaquias; e foram mister todas as instâncias do beato Malchus, bispo de Lismore, íntimo amigo seu, e toda a autoridade de Gilberto, legado da Santa Sé, para reduzi-lo a que a aceitasse, e mesmo assim não cedeu até que se o ameaçou com excomunhão. Mas, tendo entendido que certo Maurício, da família daqueles que se sonhavam arcebispos hereditários, portava-se como tal, acrescentou à sua aceitação duas condições: a primeira, que não havia de entrar na cidade metropolitana até que morresse ou se retirasse o usurpador, temendo ocasionar algum alvoroço ou talvez a morte de alguma ovelha sua, quando solicitava dar a todas a salvação e a vida; a segunda, que, se com o tempo se lograsse restituir a paz e a tranquilidade no arcebispado, se havia de colocar nele a outro mais digno, permitindo-lhe a ele retirar-se a cuidar e a viver com sua primeira esposa.

Feito já São Malaquias primaz de toda a Irlanda, muito em breve mudou de semblante todo o país. Aboliram-se os abusos, restabeleceu-se o culto divino, reformou-se o clero e voltou a florescer a

Religião e a piedade em toda a ilha. Mas não conseguiu isto sem padecer muito, ainda que é verdade que Deus se declarou visivelmente por ele com não poucas maravilhas.

Certo senhor da família dos usurpadores o convidou a sua casa com intento de matá-lo; mas, logo que o Santo se deixou ver em sua presença, cheio de confusão e de respeito o usurpador lançou-se a seus pés, declarou-lhe seu mau intento, pediu-lhe perdão e implorou suas orações. Outro, que não perdia ocasião, corrilho nem concorrência em que não despedaçasse o crédito do Santo com todo gênero de calúnias, foi horrivelmente castigado, porque, inflamando-se-lhe de repente a língua e enchendo-se de asquerosos vermes, dentro de sete dias morreu miseravelmente. Enfim, outra senhora da mesma família que, estando o Santo pregando, teve alento para interrompê-lo, tratando-o de hipócrita e de usurpador de bens alheios, no mesmo ponto foi assaltada de um frenesi tão furioso que expirou exclamando que perdia a vida em castigo de sua desenfreada temeridade. À vista dos horríveis castigos com que Deus escarmentava os inimigos do Santo e dos milagres que obrava, cessou o cisma e sucedeu-lhe a paz e a tranquilidade, que em pouco tempo restituíram sua possessão à antiga piedade e seu primitivo esplendor à Religião.

Vendo São Malaquias que tudo estava tranquilo e todas as coisas em seu lugar, só pensou em pôr em execução a segunda condição com que havia aceitado o arcebispado de Armagh; e, convocando o clero e o povo, fez formal demissão dele, dispondo que fosse eleito um sujeito muito digno, chamado Gelásio. Não é fácil explicar a geral consternação de todo o rebanho quando ouviu a renúncia do Pastor. Consagrado Gelásio, restituiu-se São Malaquias a sua primeira igreja, dando nova prova de sua humildade e de seu desinteresse; porque, informado de que a ambição de seus predecessores havia unido dois bispados num, quis absolutamente que se dividissem; e, deixando ao futuro bispo a cidade e território de Connor, foi ele residir em Down, diocese muito mais pobre e muito menos considerável, onde fundou uma catedral de cônegos regulares, cujo superior e modelo quis ser ele mesmo.

Para proceder em tudo com maior segurança, pareceu ao santo Bispo que devia solicitar a aprovação da Sé apostólica e resolveu passar a Roma pessoalmente para negociar com o Papa que confirmasse tudo o que havia feito, assim na metrópole de Armagh como na divisão dos dois bispados de Connor e de Down. Partiu, pois, a pé e em segredo, acompanhado de alguns discípulos e fazendo todo o possível para não ser conhecido; mas, tendo chegado a York, descobriu-o com muito estrépito um grande servo de Deus chamado Sicar, que tinha dom de profecia. Ao passar pela França quis ter o consolo de conhecer de vista a São Bernardo, cuja fama havia penetrado até a Irlanda; e, dirigindo-se a Claraval, foi recíproca a admiração e a alegria. Malaquias encontrou no santo Abade muitos mais talentos, muitas mais virtudes que as que publicava a fama; e São Bernardo descobriu no santo Bispo uma santidade mais eminente e muito superior ao muito que havia ouvido dizer dela. Ligaram desde então os dois Santos uma estreitíssima amizade, ficando São Malaquias tão edificado e tão enfeitiçado do que estava vendo em Claraval que desde logo fez ânimo a renunciar seu bispado e retirar-se a passar ali o resto de seus dias. Arrancou-se com grande dor daquele santo mosteiro e, tendo passado os Alpes, entrou em Roma, onde foi recebido com ternura e com veneração pelo papa Inocêncio II. Confirmou-lhe tudo quanto lhe propôs; mas, quando lhe tocou a renúncia do bispado, longe de consentir nela, nomeou-o legado da Santa Sé em toda a ilha da Irlanda. Pôs-lhe o Papa sua mesma mitra na cabeça; presenteou-o com a estola e o manípulo de que usava Sua Santidade quando oficiava nos dias solenes e, cumulando-o de honras,

tornou a enviá-lo à sua igreja. Passou segunda vez São Malaquias por Claraval e, já que não lhe foi possível evitar a dor de não ficar ali, consolou-se deixando quatro discípulos seus, os que mais amava, para que se formassem na escola do santo Abade, partindo com um oculto pressentimento de que havia de vir a morrer naquele mosteiro.

O santo Bispo aportou à Escócia e, passando logo a beijar a mão ao Rei, achou-o muito aflito com o temor de perder o Príncipe seu filho, que estava perigosamente enfermo. Pediu-lhe o Rei que fizesse oração por ele: fê-la, e o Príncipe ficou são. Embarcou-se da Escócia para a Irlanda e foi tomar terra no mosteiro de Bangor, para que seus filhos espirituais fossem preferidos no gosto e nas graças de seu regresso. Desde o mosteiro comunicou-se a alegria a todas as regiões; mas o Legado apostólico estava tão morto a si mesmo que nem sequer advertia as honras que lhe tributavam: só tomava gosto a uma coisa, que era que em tudo se cumprisse a divina vontade. Em todas as partes semeava, para recolher em todas as partes: não houve rincão aonde não se estendesse sua vigilância pastoral; tudo aquilo em que punha a mão se venerava como obra de Deus, porque todas as suas empresas eram dirigidas pelo Espírito Santo. Era tão abundante nele a graça do ministério que ressaltava no exterior. A modéstia parecia como retratada em seu venerável rosto; não o apanhariam numa palavra ociosa seus maiores inimigos; não notariam nele passo algum que cheirasse a ligeireza; nunca perdia a paz no meio dos mais graves e mais pesados negócios; a tudo atendia, mas só a Deus se entregava. Por este meio conservava-se sempre tranquilo. Era tão de seu gosto a pobreza que nem sequer tinha palácio episcopal; pregava as mais das vezes sem interesse e, a exemplo do Apóstolo, com o trabalho de suas mãos ganhava o pão para si e para seus coadjutores no sagrado ministério. Fazia ordinariamente as visitas a pé, sem medo de que se deslustrasse por isso a dignidade de legado apostólico. Assim o havia aprendido dos discípulos de Jesus Cristo; exemplo tanto mais admirável nele quanto mais raro e menos imitado de outros. Sendo ele mesmo um prodígio da graça, que maravilha é que lhe tivesse concedido Deus a graça de obrar prodígios? Obrava-os de todas as espécies: livrava os energúmenos, sarava os frenéticos, fazia falar os mudos. Saía dele em abundância a graça de curas, e curava as almas igualmente que os corpos. Havia uma mulher tão sujeita aos ímpetos de cólera que era o mais vivo retrato de uma fúria; e, não podendo seus filhos viver mais naquele inferno caseiro, levaram-na arrastando à presença do santo Bispo, o qual, como depositário da mansidão de Jesus Cristo, não menos que da vigilância sobre seu rebanho, teve lástima do infeliz estado em que se achava aquela pobre criatura. Retirou-a à parte; perguntou-lhe se havia feito alguma boa confissão em sua vida; respondeu-lhe que jamais tivera tal vontade. «Pois agora a hás de fazer», replicou o Santo; fê-la; e o caritativo Pastor, insinuando o espírito de doçura naquela arrependida pecadora, mandou-lhe em penitência que nunca se encolerizasse, o que executou pontualmente. À graça dos milagres acrescentou-se-lhe o espírito de profecia. Celebrando um dia o santo sacrifício da missa, conheceu com luz sobrenatural que o diácono que o assistia se achava em mau estado. Concluído o sacrifício, chamou-o a um lado, perguntou-lhe o que havia passado por sua alma; o diácono confessou humildemente sua falta e cumpriu a penitência que lhe impôs. A vida tão exemplar só faltava uma gloriosa morte; logrou-a logo: havia vivido como os Santos e morreu como os Santos, na paz de Deus e no ósculo do Senhor. Duas coisas havia desejado: morrer em Claraval e morrer no dia de finados; ambas as conseguiu. Obrigaram-no os negócios da legacia a empreender segunda viagem a Roma e, depois de ter celebrado um concílio dos bispos da Irlanda, pôs-se a caminho. Chegando a Claraval, ainda que São Bernardo se achava à sazão

sumamente débil por uma grave enfermidade que havia padecido, saiu a recebê-lo com todo o gozo que correspondia ao recíproco amor que se professavam. Abraçaram-se ternamente os dois Santos, porque não há vínculo mais estreito nem mais vivo que o da caridade de Jesus Cristo, e todos os monges tiveram parte no gosto de seu santo Abade. Dobrou-se a alegria naquele ditoso deserto com a presença de São Malaquias, e passaram-se quatro ou cinco dias em regozijo universal. Cantou missa pontifical no dia de São Lucas; mas, acabada a missa, caiu doente, e todos os monges com ele, diz São Bernardo, sucedendo-se a dor ao regozijo. Todos à porfia acudiram a assisti-lo e a aliviá-lo; tomava quanto lhe davam; mas estava muito seguro de que não havia de sarar daquela enfermidade. Pediu a Extrema-Unção e, recebidos os Sacramentos, subiu à cela e voltou à cama, porque havia descido à igreja em busca da comunidade. Agravou-se o mal para a noite, e mandou chamar São Bernardo e, voltado aos circunstantes: *Com desejo*, disse-lhes, *tenho desejado celebrar esta Páscoa convosco.* Rendo mil graças à bondade de meu Deus porque se dignou cumprir-me estes desejos. Via-se retratada no semblante do Santo moribundo toda aquela alegria que causa a esperança de uma vida eterna e bem-aventurada. Consolava a seu querido amigo e a todos os demais: «Cuidai vós de mim», dizia-lhes, «que, se Deus me faz misericórdia, eu cuidarei de vós. Fá-la-á sem dúvida, porque tenho crido nele, naquele a quem todas as coisas são possíveis. Amei a meu Senhor e vos amei a vós: a caridade não se acaba.» Levantando depois os olhos ao céu, disse: «Meu Deus, guardai-os em vosso nome, não só os presentes, mas todos os que trouxestes a vosso serviço por meu ministério.» Entreteve-se depois um pouco com Deus e enviou a descansar seus irmãos. Pela meia-noite voltou-se à sua cela com muitos abades que haviam concorrido a Claraval noticiosos de seu perigo, e todos rezavam ao redor do santo Prelado, que saltava de gozo porque ia sair deste desterro. Assim morreu o santo bispo Malaquias, legado da Sé apostólica, aos cinquenta e quatro anos de sua idade, no lugar e no dia que havia desejado, levada ao céu sua alma pelos santos Anjos, tendo expirado nas mãos de São Bernardo e de seus filhos. Todos tinham cravados os olhos nele, e nenhum pôde advertir quando expirou, tão parecida foi sua morte a um doce sono. O rosto cobrou uma belíssima cor, deixando a alma no corpo aquele vestígio da alegria dos Santos, a cujo espetáculo cessaram as lágrimas e se apoderou o gozo e o consolo de todos os corações. Fizeram-se os funerais e cantou-se a missa com fervorosa devoção. Entre os que concorreram a seu enterro havia um moço paralítico de um braço: São Bernardo mandou-o aproximar, tomou-lhe a mão e tocou-a à do santo Bispo. Coisa admirável! Ao ponto se lhe restituiu a seu estado natural, e viu-se que, como diz o Apóstolo, nele, ainda morto, vivia a graça da saúde.

Santo Ermengol, Bispo de Urgel

Santo Ermengol, decoroso ornamento da ordem episcopal, um dos mais virtuosos prelados que têm florescido na Igreja da Espanha, nasceu na província da Catalunha, das ilustres famílias que enobreceram aquele Principado; pois segundo nos dizem alguns escritores, foi seu pai D. Sunyer, conde de Urgel, irmão de D. Borrell, conde de Barcelona, os quais, por D. Wifredo, chamado o Veloso, primeiro conde de Barcelona, que se casou com Guinidilda, condessa de Flandres, traziam sua descendência do imperador Carlos Magno. Deram seus pais a Ermengol uma educação tão própria de sua piedade como de seu distinto nascimento e, tendo-lhe buscado os mais hábeis preceptores para que lhe ensinassem toda classe de belas-letras, como se achava dotado de uns

talentos extraordinários, fez em muito breve tempo grandes progressos assim nas ciências como nas virtudes. O ilustre jovem abraçou a carreira eclesiástica com o nobre objeto de dedicar-se inteiramente ao serviço do Senhor, e logo se distinguiu no novo estado pela regrada circunspecção de seus costumes, por sua singular piedade e por sua grande sabedoria, fazendo-se por isso amar e respeitar de todos.

Vagou a cátedra episcopal de Urgel por morte de D. Psalla, que sucedeu pelos anos 996, e, como as eminentes virtudes de Ermengol eram tão conhecidas em todo o principado da Catalunha, fez-se a eleição de sucessor do defunto na pessoa do Santo por consentimento universal de todo o clero e povo. Aceitou Ermengol o ministério com nenhum outro fim que o de ser útil à Igreja; e por isso a nova dignidade só serviu para aumentar seu fervor e para que se deixasse ver nela como um modelo dos prelados perfeitos que exige o Apóstolo no candelabro da Igreja: com efeito, seu zelo não podia ser mais vivo nem mais prudente, sua caridade mais universal nem mais benéfica, nem sua solicitude pastoral mais ativa nem mais ditosa.

Conheceu o santo Prelado o grande bem que resultaria a sua Igreja de que se observasse nela a vida comum e, como seus desejos não eram outros que proporcionar todos os meios para o melhor, estabeleceu-a em seu cabido, deixando-lhe, para que se mantivesse com decência, a vila de Guissona com seu território, os castelos de Piedrarrúa, o de Fontaneda e o de Cornellana com todas as possessões pertencentes a eles; mandando em seu testamento aos cônegos presentes e vindouros, sob pena de excomunhão, que depois de sua morte não comunicassem com o Bispo sem que jurasse antes sobre a ara que não inovaria a vida comum que havia instituído. Quis também o ilustre Prelado que o ofício divino se celebrasse com majestade, que o templo estivesse ricamente adornado e que tudo o que servisse ao altar fosse precioso, e para isso deu a sua igreja muitas riquezas e lhe cedeu por sua última disposição os prédios que tinha no condado de Osona, em Castell-Adral, Solsona, Alberaig e no lugar chamado Piedra.

Se era grande o zelo que teve Ermengol pelo culto divino e pelo melhor estado de sua igreja, não foi menor sua piedade para com os Santos, o que se fazia sensível em todas as suas ações e no respeito que lhes professava, especialmente à santíssima Virgem, em quem, depois de Deus, tinha colocada toda a sua confiança. Por isso mesmo determinou ir em romaria à Galiza para visitar as relíquias do apóstolo Santiago; cuja peregrinação não teve efeito por lhe ter sobrevindo a morte.

Ainda que todos os louváveis feitos referidos até aqui bastavam para acreditar o alto conceito que todos tinham formado da eminente virtude do ilustríssimo Prelado, o que mais lhe granjeou o amor e a veneração de seu povo foram aquelas entranhas de misericórdia com que se desfazia por beneficiar suas ovelhas, procurando evitar-lhes todos os danos, o que foi a causa de sua morte. Soube que os caminhantes não podiam passar sem grande perigo pelo lugar chamado Var, nos confins de Urgel e Cerdanha e, movido de compaixão, determinou abrir um caminho e fabricar uma ponte para benefício comum de todos. Foi-se àquele sítio áspero e montuoso com os artífices que haviam de construir a fábrica e, para que esta se fizesse com a maior brevidade, começou o santo Prelado a trabalhar com suas próprias mãos e a delinear a fábrica com seu grande engenho; mas foi Deus servido, por seus altos juízos, que, estando sobre uma viga, lhe fugissem os pés e, caindo sobre uns grandes penhascos, se rompeu a cabeça, de cujo terrível golpe morreu no dia 3 de novembro do ano 1023, depois que governou seu bispado como verdadeiro sucessor dos Apóstolos

por espaço de vinte e nove anos.

Logo que o clero e o povo de Urgel souberam a desgraçada morte de seu insigne Bispo, passaram cheios de dor e sentimento ao lugar de Var e, conduzindo o venerável cadáver a sua igreja, deram-lhe sepultura ao lado sinistro do altar-mor, chorando todos amargamente a perda de seu santo Prelado. Quis Deus manifestar a glória de seu fidelíssimo servo com repetidos milagres e admoestou a muitos em sonhos que elevassem suas relíquias do primeiro depósito a lugar mais digno; mas, desentendendo-se do aviso celestial, ocorreu uma escassez de chuvas tão suma que apenas se conhecia sinal de erva verde nos campos nem nos vales. Então o povo de Urgel conheceu o mistério e, tendo trasladado o corpo do Santo ao lado direito do altar-mor, favoreceu-os o Senhor com chuvas abundantíssimas. De ali se trasladaram por último as venerandas relíquias ao lado do altar da santíssima Virgem, onde se mantêm atualmente, deixando-se ver em todas as trasladações as carnes do santo corpo tão frescas como se estivesse vivo, sem a menor corrupção depois de tantos séculos. (Domènech, *Hist. dels Sants de Catalunya*.)

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos Mártires, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Respice, quæsumus, Domine, familiam tuam, et præsta: ut sanctorum innumerabilium martyrum intercessione munita, ab omni sit culpa defensa. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Rogamos-vos, Senhor, que olheis para vosso povo, concedendo-lhe que, fortalecido com a intercessão dos santos Mártires Inumeráveis, seja defendido de toda culpa. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 3 do livro da Sabedoria.

Sabedoria 3,1-8

> **Latim:** [1] Justorum autem animæ in manu Dei sunt, et non tanget illos tormentum mortis. [2] Visi sunt oculis insipientium mori, et æstimata est afflictio exitus illorum, [3] et quod a nobis est iter exterminium ; illi autem sunt in pace : [4] etsi coram hominibus tormenta passi sunt, spes illorum immortalitate plena est.

> [5] In paucis vexati sunt, in multis bene disponentur, quoniam Deus tentavit eos, et invenit illos dignos se. [6] Tamquam aurum in fornace probavit illos, et quasi holocausti hostiam accepit illos, et in tempore erit respectus illorum. [7] Fulgebunt justi et tamquam scintillæ in arundineto discurrent. [8] Judicabunt nationes, et dominabuntur populis, et regnabit Dominus illorum in perpetuum.

Português: [1] Mas as almas dos justos estão na mão de Deus, e não os tocará o tormento da morte. [2] Pareceu aos olhos dos insensatos que morriam: E o seu trânsito foi reputado por aflição: [3] E a jornada que fazem separando-se de nós, extermínio: Mas êles estão em paz. [4] E se êles sofreram tormentos diante dos homens, a sua esperança está cheia de imortalidade. [5] Vexados em poucas coisas, em muitas lhes será bem retribuído: Porque Deus os tentou, e os achou dignos de si. [6] Ele os provou como ouro na fornalha, e os recebeu como uma hóstia de holocausto, e a seu tempo haverá dêles consideração. [7] Os justos resplandecerão, e como faiscas por um canavial discorrerão. [8] Êles julgarão as nações, dominarão os povos, e seu Senhor reinará para sempre.

Reflexões

As almas dos justos estão na mão de Deus. Oh, quão bem está o que está nas mãos de Deus! Que estância tão ditosa! Pois esta é a dos justos. Ameace a tormenta, intime estragos e terrores o estrondo dos trovões, o justo está ao abrigo, sua alma está nas mãos de Deus: que tem que temer?

É a morte um tormento que assusta os mais resolutos e estremece os mais intrépidos; mas, como a morte dos justos é preciosa aos olhos de Deus, veem-na vir não só sem susto, mas com alegria; porque a olham não como suplício, mas como prêmio, que os enche de doçura, de consolo e de confiança.

A morte dos Santos na aparência é o mesmo que a dos demais, termo fatal de todas as coisas; mas assim é aos olhos dos insensatos. Os sábios e prudentes, porém, julgam de outra maneira da morte dos justos. Se saem deste mundo, é porque se lhes levanta o desterro; se se apartam de nós, é para entrar triunfantes na glória. Que consolo mais doce e requintado que o que se experimenta quando se chega ao termo ditosamente? Os Santos pareceram aflitos, humilhados, maltratados e perseguidos aos olhos dos homens; mas à vista dos homens e não mais. Todo o áspero, todo o duro das cruzes estava na casca; pois no mais lograam uma esperança cheia de imortalidade no meio dos maiores trabalhos. Que proporção há entre o que padeceram e o que agora gozam? Felizes aqueles a quem o Senhor encontra dignos de si!

Mas, oh, que diferença há entre a morte dos justos e a dos que se chamam ditosos do século! A felicidade destes desvanece-se em sua última hora. Grandeza, riquezas, honras e prazeres, tudo se sepulta com eles. Mas ao contrário, a última hora dos justos é a primeira de uma eternidade de delícias. Seus nomes são colocados nos fastos dos Santos, sua memória está cheia de bênção; honram-se e veneram-se até suas mesmas cinzas; e aqueles homens vis aos olhos do mundo

brilham por toda uma eternidade como astros no firmamento: reinarão sobre todos os povos e julgarão todas as nações.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 15 de São João.

João 15,17-25

> **Latim:** 17 Hæc mando vobis : ut diligatis invicem. 18 Si mundus vos odit, scitote quia me priorem vobis odio habuit. 19 Si de mundo fuissetis, mundus quod suum erat diligeret : quia vero de mundo non estis, sed ego elegi vos de mundo, propterea odit vos mundus. 20 Mementote sermonis mei, quem ego dixi vobis : non est servus major domino suo. Si me persecuti sunt, et vos persequentur ; si sermonem meum servaverunt, et vestrum servabunt. 21 Sed hæc omnia facient vobis propter nomen meum : quia nesciunt eum qui misit me. 22 Si non venissem, et locutus fuissem eis, peccatum non haberent : nunc autem excusationem non habent de peccato suo. 23 Qui me odit, et Patrem meum odit. 24 Si opera non fecissem in eis quæ nemo alius fecit, peccatum non haberent : nunc autem et viderunt, et oderunt et me, et Patrem meum. 25 Sed ut adimpleatur sermo, qui in lege eorum scriptus est : Quia odio habuerunt me gratis.

Português: 17 Isto he o que eu vos mando, que vós ameis huns aos outros. 18 Se o mundo vos aborrece: sabei que primeiro do que a vós, me aborreco elle a mim. 19 Se vós fosseis do mundo: amaria o mundo o que era seu: mas porque vós não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso he que o mundo vos aborrece. 20 Lembrai-vos da minha palavra, que eu vós disse: Não he o servo maior do que seu Senhor. Se elles me perseguirão a mim, tambem vos hão de perseguir a vós: se elles guardárao a minha palavra, tambem hão de guardar a vossa. 21 Mas elles far-vos-hão todos estes maos tratamentos por causa do meu nome: porque não conhecem aquelle, que me enviou. 22 Se eu não viera, e não lhes tivera fallado, não terião elles peccado: mas agora não tem desculpa no seu peccado. 23 Aquelle, que me aborrece: aborrece tambem a meu Pai. 24 Se eu não tivera feito entre elles taes obras, quaes não fez outro algum, não haveria da parte d'elles peccado: mas agora elles não sómente as virão, mas ainda me aborecerão tanto a mim, como a meu Pai. 25 Mas isto he para se cumprir a palavra, que está escrita na sua lei: Elles me aborecerão sem motivo.

Meditação

Da renúncia de tudo o que se ama por amor a Jesus Cristo

Primeiro ponto

Considera que o Evangelho não anuncia outra coisa que abnegação e renúncia de quanto mais se ama no mundo, até dizer-nos que, se não nos aborrecemos a nós mesmos, não podemos ser discípulos de Jesus Cristo. E, segundo esta ideia, terá Cristo hoje em dia muitos discípulos no mundo?

Que coisa mais louvável nem mais justa que amar o próximo? O mesmo Deus no-lo manda com preceito formal e expresso. Com tudo isso, quando se atravessam os interesses de Deus, é mister renunciar à carne, ao sangue e a si mesmos, sob pena de renunciar a Deus. *O que vier a mim*, diz Cristo, *e não aborrecer a seu pai, a sua mãe, e até sua mesma pessoa, não pode ser meu discípulo.* Não necessita de aplicação este oráculo. Mas é esta moral muito de nosso gosto? Pratica-se muito hoje em dia esta cristã filosofia?

Cedem porventura sempre às obrigações da Religião nossos interesses? Acaso não damos ouvidos aos clamores da carne e do sangue em prejuízo da consciência? Nas resoluções para adiantar-nos, consulta-se sempre só a Deus e a só Deus se ouve? Certamente nos merece Deus bem pouco se não nos merece todo o nosso coração. Oh, meu Deus, e que mal se compõe o que obramos com o que cremos! Cremos vossas palavras, mas nada fazemos menos que o que elas nos intimam.

Não permitais, Senhor, que esta confissão sirva só para fazer-me mais delinquente. Vós me assegurais que devo aborrecer-me a mim mesmo, se quero ser vosso discípulo. Sim, Senhor, eu quero sê-lo, e de hoje em diante será minha vida a prova mais concludente de minha sincera vontade.

Segundo ponto

Considera em que grosseiro e em que pernicioso erro incorreria uma pessoa que, ouvindo ao Salvador estas palavras: *O que vier a mim e não aborrecer a seu pai, a sua mãe e até a sua mesma pessoa, não pode ser meu discípulo*, se persuadisse de que podia ser verdadeiro discípulo de Cristo sem ter este ódio santo, amando-se unicamente a si mesma, não dando em seu coração lugar a outro objeto que a seus gostos e a seus próprios interesses. Mas ah, que estamos de tal maneira enamorados de nós mesmos que, por nossa conveniência e por nossos interesses, sacrificamos nossa salvação e os interesses de Deus!

Se se cotejar nossa conduta com a dos Mártires, quem não dirá que tiveram outro Evangelho? Digamo-lo melhor: o Evangelho é o mesmo; e portanto não pode haver maior extravagância que lisonjear-nos de ser discípulos de um mesmo mestre e de seguir a mesma doutrina, quando os costumes são tão diferentes. Se passo os dias em satisfazer minha concupiscência e meus gostos, poderei dizer que sirvo a um mesmo Senhor e que obedeço a uma mesma lei que os santos Mártires? E que razão terei para esperar a mesma recompensa? Um homem que só ama seus

prazeres e interesses poderá esperar razoavelmente a mesma glória que os inumeráveis Mártires?

Vós, Senhor, que me mandais que ame a meus próximos, assim mesmo me mandais que me aborreça. E com efeito, tenho eu maior inimigo de meu verdadeiro bem que a mim mesmo? Pois que ódio mais justo? Não é amar-me verdadeiramente o aborrecer-me desta maneira? Dai-me, Senhor, este santo ódio da carne e sangue, e não permitais que esqueça jamais que não é digno de Vós aquele que ama a outra coisa que a Vós.

Jaculatórias

Senhor, não poderei amar-vos nem servir-vos se não me abraço com vossa cruz e não me aborreço por amar-vos a Vós só. (Êx 4.)

Nem no céu nem na terra amei a outra coisa que a Vós, Deus de minha alma. (Sl 72.)

Propósitos

1. Começa desde este dia a amar a Deus com um amor de preferência, em força do qual lhe asseguras o primeiro lugar em teu coração, de maneira que para mantê-lo nele estejas disposto a sacrificar teus bens, teus parentes, teus amigos e até tua mesma vida. Para isto toma uma firme resolução de não empreender coisa alguma sem consultar primeiro com Deus. Não te fies de tua só razão, porque o amor-próprio cega. Não te determines a fazer coisa de monta sem o parecer de um prudente e zeloso diretor.

2. Não te deixes levar com excesso do amor de tua família e de teus interesses temporais; pois semelhantes preferências são efeitos do amor-próprio. Tenhamos sim amor a nossos parentes e a nós mesmos, mas seja um amor bem ordenado. Esteja Deus à frente de tudo, que é o lugar que lhe corresponde; e por isso mesmo devemos corrigir a propensão e delicadeza que mostra muito bem o demasiado amor que nos temos a nós mesmos. É o amor-próprio um inimigo sagaz e doméstico, tanto mais digno de temer-se quanto menos se desconfia dele. Quando nos lisonjeia, então nos vende: pois, caminhando sempre de acordo com as paixões, arma laços sem cessar à nossa salvação. Toma desde hoje a resolução de não contemplá-lo, de combatê-lo e de vencê-lo. A mortificação o debilita: a dos sentidos é seu suplício, e portanto te hás de privar de todos os gostos que deleitam a carne, sacrificando tua vida pelo nobre objeto que tiveram os Mártires no sacrifício da sua; vencendo como aqueles os mais cruéis inimigos, que são tuas paixões, para que logres a glória que desfrutam eternamente.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:20 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:20 by Admin